

SCAZUFCA, Ana Cecília Magtaz - Clara, uma mocinha amarrada

Clara tem vinte e sete anos e concordou em ser internada em uma enfermaria psiquiátrica pública para tratamento de sua anorexia nervosa. Segundo suas próprias palavras, "não suportava mais comer compulsivamente para ter de vomitar depois". Fui solicitada a atendê-la individualmente, duas vezes por semana, desde o início de sua internação. A paciente apresentava seqüelas da anorexia como: osteoporose, dentes desgastados e suspensão da menstruação desde os doze anos. A necessidade de internação deveu-se a idéias suicidas.

Quando comecei a atendê-la, Clara já estava internada há duas semanas. Não lhe era permitido descer ao pátio e uma enfermeira deveria sempre acompanhá-la ao banheiro para impedir-lhe vomitar. Estava aguardando ser chamada para atendimento psicoterápico individual.

A fantasia da falta de limites:

Em nosso primeiro encontro, Clara contou o início de sua paixão pela magreza. Começou a sentir verdadeira repulsa pela comida aos doze anos. Antes da anorexia lembra ter sido uma menina saudável e ativa. Gostava de comer e sempre que chegava da escola tomava uma "copada" de leite com chocolate. Não se preocupava em engordar. Lembra de seu pai ter comentado que ela estava comendo muito e a partir daí começou a sentir nojo da comida, uma verdadeira repulsa. Este episódio coincidiu com a primeira menstruação, com a qual tinha ficado muito confusa: achava que iria sujar de sangue o seu pai quando sentasse em seu colo, e perderia o amor dele por ter-se tornado mulher. Ficou com medo de ficar gorda e com barriga de grávida, desde então.

Nesta época, "ficou anoréxica, só vindo a tornar-se bulímica alguns anos depois". Perguntei-lhe o que significava ficar gorda e ela disse que, acima de tudo, significava dependência e sinal de extrema fraqueza. Queria ter o corpo de uma modelo, um corpo perfeito, bem delineado. Não gosta do seu corpo porque se julga muito baixa, com quadris muito largos. Lembrou ter começado o regime e a ginástica pensando poder mudar seu corpo, transformá-lo num outro corpo, ideal.

Contou também burlar a vigilância da enfermagem, pelo menos numa refeição, para vomitar e experimentar uma sensação de paz. Disse sentir-se "violentada" quando comia e era impedida de vomitar depois. Sentia-se enorme, como se fosse explodir e perder os limites do seu corpo. Seus ataques de comer compulsivo consistiam de uma fatia de bolo ou uma colher a mais de comida. Isto era o bastante para se desesperar achando estar gorda demais.

A impressão que tive de Clara nesse primeiro encontro foi de uma "menina" de feições tristes e ar melancólico. Falava para dentro, mantinha a cabeça baixa e as mãos na barriga como se estivesse sentindo dores abdominais. Apesar dessa postura e de estar usando roupas muito largas para o seu tamanho, em alguns momentos, uma vitalidade deixava-se transparecer.

Ainda na primeira entrevista, contou ter vivido um quadro sério de anorexia na adolescência. No auge de seu sintoma chegou a pesar vinte e seis quilos, precisando ser internada numa clínica especializada em drogados. Os médicos chegaram a comunicar a seus pais que não havia mais o que fazer para salvá-la. Conseguiu sair daquela situação limite com a ajuda de um psicoterapeuta que lhe possibilitou falar sobre sua angústia e tristeza. Lembrou que foi melhorando aos poucos, conseguindo retomar a faculdade e hoje trabalha na área de saúde. Lembrou também que na época foi internada contra a sua vontade. Não achava que pudesse morrer ou que houvesse algo errado com a sua saúde. Estava perdida, sem ter noção da realidade. Quando se olhava no espelho, sentia-se monstruosa, deformada, e só conseguia pensar nisto o dia todo. Hoje, resolveu procurar tratamento nesta instituição por conta própria, porque tem tido pensamentos sobre suicídio ultimamente e medo de cometê-lo. No final dessa primeira entrevista, estabeleci com ela um contrato para os dias e horários das sessões que seriam realizadas dentro da enfermaria em uma das salas de atendimentos.

A inscrição de um limite:

Clara falava somente de comida e vômitos. Dizia precisar melhorar, mas não sabia como sair desse "círculo vicioso". Deixar de vomitar era insuportável e impossível. Comer também. Muitas vezes, não conseguia alimentar-se daquilo prescrito pela nutricionista e chegava a chorar quando a forçavam a comer.

Sentia-me desanimada com os atendimentos, enojada de ouvi-la falar dos vômitos, mas, principalmente, muito angustiada. Eu entendia ser esta uma angústia sobre a qual Clara não conseguia falar protegendo-se de maneira bastante primitiva. O que ela tinha a dizer só poderia ser expresso por seus sintomas, por um ato repetido compulsivamente.

Esta sua postura na sessão persistiu até o dia em que ela quis atuar na sessão, ameaçando vomitar no chão. Transferencialmente imaginava que ela poderia vomitar em mim e reagiu dizendo para não fazê-lo no meu pé. Esta intervenção representou um desequilíbrio na estrutura defensiva que ela vinha mantendo. Clara tentou reagir e restabelecer aquele equilíbrio de volta olhando-me surpresa e indignada e dizendo não estar brincando. Ela que raramente me olhava, encarou-me durante alguns minutos, aborrecida. Esta intervenção inesperada tanto para ela como para mim, teve uma função de inscrever um limite entre nós. Um limite que foi dado pela minha fala e confirmado pelo seu olhar contrariado.

No entanto, depois dessa intervenção, Clara lembrou de uma brincadeira com as primas quando criança: havia uma mocinha prisioneira de um bandido que a amarrava e a beijava na boca à força. Ela era sempre a mocinha e não deixava ninguém ocupar o seu lugar. O relato dessa brincadeira possibilitou-lhe o rompimento do relato sempre idêntico das crises.

De outro lado, isto, possibilitou-me sair daquele marasmo e pensar a situação de Clara como se ela estivesse atualizando, na internação, essa brincadeira infantil. Sentia-se amarrada como a mocinha e violentada pelo bandido quando obrigada a comer. Desta forma, começava a investir na situação analítica, transformando a realidade concreta do espaço analítico em uma realidade fantasiosa pela qual estava capturada e da qual eu começava a fazer parte.

Percebi que deveria tomar cuidado para não ficar no lugar do bandido na relação transferencial com Clara. Isto é, não ficar confundida com o restante da equipe do hospital que, segundo ela, obrigavam-na a comer e a vigiavam como o bandido. Neste sentido, não deveria de forma alguma me ocupar com seu peso e com sua preocupação com a comida. Como consequência, começou, aos poucos, a falar do medo de ficar sozinha e de perder o amor dos pais. Sempre foi a filha frágil que precisava de cuidados especiais. Lembrou da mãe chorando desesperada quando os médicos a desenganaram. Nesta época achava que para ser cuidada precisava passar fome. No entanto, ficava irritada com a preocupação da mãe com relação a sua alimentação. Não gostava de ser mandada e vigiada, trancava-se na cozinha e comia compulsivamente para vomitar depois. Seus pais chegaram a ter de arrombar a porta da cozinha para que parasse com essa loucura. Hoje, recolhe-se ao banheiro para não agredir seus pais.

O corpo prisioneiro:

Enquanto Clara narrava estes acontecimentos fui me sentindo profundamente angustiada, chocada com as crises relatadas, como se estivesse sendo torturada pela sua fala que foi provocando em mim uma sensação de desânimo e fracasso.

A partir dessas sensações, pude pensar que Clara parecia gozar do sofrimento que provocava no outro. Fazia questão de dizer que sempre teve de tudo. Seus pais sempre lhe deram tudo e, por esta razão, precisava "dar-lhes o troco". Para ela dar-lhes o troco, ao contrário do que se pensa como uma vingança, significava retribuir-lhes todo o carinho com que a tratavam. No entanto, ela os agredia imensamente como estava fazendo comigo. Numa sessão, Clara conta este sonho: havia uma mão (escrevendo o caso fiz um ato falho e disse mãe) enfiando-lhe pizzas na boca. Era obrigada a engolir tudo sem respirar. Sentia-se sufocada e iria morrer. Acordou assustada e disse que a primeira coisa que lhe passou pela cabeça, foi o bandido da brincadeira infantil. Queria libertar-se dele. Um bandido que lhe impede desejar?

O sonho acima e o relato sobre seus pais levou-me a pensar que Clara sentia seu corpo prisioneiro de uma mãe que, como o bandido, amarrava-a e dela passava a depender. Essa amarração parecia significar a indiferenciação que sentia existir entre ela e sua mãe. A fantasia de falta de limites, de fusão entre as duas a levava a recusar o alimento. Recusar o alimento parecia significar a tentativa de existir com um corpo e uma demanda própria, uma tentativa de separar-se da mãe. Muitas vezes, Clara relatava a imagem de dois corpos sem sexo e entrelaçados, imagem embaçada que revelava uma indiferenciação de si e do outro. Apesar de não me colocar no lugar do bandido, Clara tentava seduzir-me a tratá-la como a mocinha frágil, desesperada diante de suas crises bulímicas, ocupando o lugar de seus pais. Com frequência entrava em atrito com outras pacientes e, muitas vezes, chegou a pedir-me que a defendesse, o que neguei sempre. Numa sessão, chegou a dizer sentir-se triste por eu não tê-la ajudado durante uma briga com outra paciente na enfermaria, de quem teria levado um tabefe no rosto por não emprestar-lhe um estojo de lápis de cor. Ficou magoada com as enfermeiras por terem defendido a agressora. Sentiu-se sozinha e desamparada. Lembrou de um sonho no qual estava preparando um sanduíche em sua casa, mas não conseguia terminá-lo, pois sempre faltava um ingrediente. Sua irmã chegava com amigos e a colocava para fora de casa. Chorava sozinha na rua quando seu pai aparecia e a levava embora acariciando seu cabelo. Clara chorou na sessão e pediu que eu a tirasse da enfermaria.

Neste momento, era como se eu representasse quem a salvaria diante do bandido. Produzia em mim vontade de salvá-la, de tirá-la da enfermaria. Muitas vezes, sentia-me presa durante os atendimentos sem saber qual caminho seguir em minhas intervenções. Se o lugar do bandido era uma amarração, o do mocinho, que a salvaria poderia não ser diferente. Eu deveria ficar atenta já que, dessa forma, ela sentia-se cuidada de uma maneira especial.

O príncipe apagado:

Clara, muitas vezes descrevia o pai como uma pessoa depressiva e sem autoridade frente à mãe. Uma pessoa carinhosa, mas que jamais se interpunha entre ela e sua mãe. Não aparecia como aquele que a mãe desejava. Além disso, o pai trazia a marca de uma tragédia familiar: vários homens da família tinham praticado suicídio quando Clara era criança. Hoje, Clara é internada por medo de praticar suicídio.

Observamos, aqui, uma cisão da figura paterna: de um lado, um pai exemplar, perfeito, e de outro, um pai fraco que não pode desempenhar a sua função de corte da relação dual da menina e sua mãe. Ele não pôde salvá-la do bandido - mãe. Uma relação que impede a possibilidade de Clara separar-se e cuidar de si. A brincadeira infantil narrada por Clara é a mesma que se repete na internação. Uma brincadeira que revela sua relação com a mãe: uma relação de dependência. Mas existe um terceiro elemento, o pai, príncipe que está fora da brincadeira, esperado por ela. Pensava que, para o trabalho poder prosseguir, era importante que eu ocupasse o lugar da lei, da terceira pessoa, um papel que estava apagado. Um terceiro que deveria propiciar um distanciamento com a figura materna, com o bandido. Estabelecer com ele uma relação menos persecutória. Em alguns momentos, Clara era uma menina desamparada diante de todos, como na briga relatada por ela e, em outros, era uma senhora de escravos, que colocava todos em função de suas vontades e de seus sintomas.

Depois de ouvi-la contar a briga, recordei que trazia comigo uma poesia de Fernando Pessoa chamada "Eros e Psique" e li para ela:

"Conta a lenda que dormia
Uma princesa encantada
A quem só despertaria
Um infante, que viria
De além do muro da estrada.
Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à princesa vem.
A princesa adormecida
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida
Verde, uma grinalda de hera.
Longe o infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.
Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.
E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sonho ela mora.
E, inda tonto do que houvera,
A cabeça em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era a princesa que dormia."

Talvez eu tenha tentado dar um colorido diferente àquela sessão, já que Clara trazia a caixa de lápis de cor. Clara disse ter ficado emocionada com a poesia, perguntei-lhe o que a tinha emocionado e ela disse ter ficado surpresa com o fato do príncipe também ser a princesa. Encerrei a sessão e os efeitos dessa intervenção foram aparecer a posteriori. Procurei mostrar a Clara que a princesa também poderia ser príncipe, ou seja, buscar um caminho, sair daquela redoma em que ela se encontrava. Esta foi uma maneira que encontrei para tentar desencantar Clara, não como um príncipe que a salvaria, mas como alguém que acreditava que ela poderia ter vontade própria e sair da enfermaria quando quisesse.

Ficar amarrada - encantada na internação parecia funcionar como um suporte defensivo de sua integridade narcísica. Disse-lhe que desamarrada, corria o risco de ser aniquilada. Amarrada, permanecia como a mocinha frágil e "encantada", o tempo não passaria e era como se se protegesse contra os perigos do mundo externo. A poesia permitiu-me falar com ela sobre estas questões como se fossem conhecidas dela, a partir de uma brincadeira relatada com afeto.

A morte controlada:

Clara comparava sua vida a um conto de fadas e disse que começou a se dar conta disso depois da poesia que eu lhe recitara. Pensava poder parar o tempo e ficar pequena para sempre. Não conseguia considerar a possibilidade dos pais morrerem, não agüentaria a dor da perda. O medo da morte sempre esteve presente em sua vida. Era como se tivesse criado, com a anorexia, uma morte controlada. Quando pequena tinha ficado muito confusa por ocasião da morte do avô. Não conseguia entender o que havia acontecido e lembra-se de ter ficado muito angustiada ao ver seu pai tão triste.

A temática da morte esteve presente em seu relato: o medo da sua morte, o medo da morte dos pais e o não entendimento da morte do avô paterno quando criança. Tornar-se a mocinha da brincadeira infantil parecia torná-la imortal. Desta forma, Clara parecia brincar de viver entre a vida e a morte, capturada por um pensamento infantil onipotente de poder controlá-las. Clara parecia construir, assim, uma teoria sexual infantil, como a que Freud descreveu nos "Três Ensaios sobre a Sexualidade", na qual a criança busca organizar, através da fantasia, questões ameaçadoras do mundo real como, por exemplo, as hipóteses dadas pela criança em relação a sua curiosidade com o corpo: como lugar fonte das pulsões, como um corpo propiciador de contato com outros corpos, como um corpo abrigando outros corpos, bem como um corpo morte. Interessou-se por um rapaz, amigo da família, que a visitava semanalmente durante a internação. Disse que depois de muito tempo tinha se apaixonado novamente. Começou a falar do medo que sentia de manter relações sexuais. Imaginava que sentiria muita dor durante a penetração, pois era virgem e nunca tinha namorado seriamente. Quando pensava numa relação sexual só conseguia ver um borrão, como se fossem corpos entrelaçados, mas sem forma. Quando se via no espelho, via somente a cabeça, como se ela não possuísse corpo. Dizia querer ser feminina como eu, poder casar e ter filhos.

Lembrou do único namorado que teve e com quem namorou durante um ano e meio. Nunca teve relações sexuais. Chegaram a ter momentos de carícias mais íntimas, mas ela não se imaginava tendo uma relação sexual completa. Achava a penetração um ato ilógico. Via a sexualidade como algo pecaminoso e sujo. Neste momento do atendimento, Clara passou a cuidar mais de sua aparência, passou a usar batom e vestidos. Vi o quanto era bonita.

O desencantamento da menina:

Pude perceber que, dizer-lhe para não vomitar em mim e recitar-lhe a poesia, possibilitou-me um contato próximo com Clara. Através desses meus atos sinalizei-lhe uma possibilidade de desencantamento que ela respondeu estabelecendo comigo um vínculo de confiança, tanto que pôde falar sobre assuntos tão difíceis como o medo do sexo.

Depois de oito meses de internação, Clara recebeu uma licença de final de semana e viajou para visitar sua família. Voltou dizendo não desejar mais continuar internada. Ao sair da enfermaria deu-se conta de que o tempo estava passando e isto a deixou angustiada. Decidiu voltar a trabalhar e cuidar de sua casa onde morava sozinha. Resolveu sair antes da alta prevista, porque não fazia mais sentido viver como num conto de fadas. O desejo de ter um corpo ideal e a preocupação com o peso sempre fariam parte da sua vida, mas, precisava ir ao encontro das pessoas. Amarrada, ela só poderia ser encontrada; desamarrada poderia viver. Na última sessão, antes de sair da internação, Clara despediu-se de mim com um forte abraço (um abraço de corpo inteiro?).

O tratamento encerrou-se quando Clara saiu da internação. Ela morava longe de São Paulo e por isso começou um novo tratamento em sua cidade. Mantive contato com ela durante alguns meses.

Artigo publicado na Revista Insight, Ano 12, nº.126, Março de 2002, pp.10/15.